

Beatriz Natiele dos Reis Sabino

Graduada em Antropologia social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do Laboratório de Etnografia e Antropologia da Religião. Possui interesse em antropologia das populações afro-brasileira e etnologia indígena. Atualmente sua pesquisa pensa as confluências entre as relações de negros e indígenas na Amazônia principalmente a partir dos estados do Pará e Amapá.

Contato

beatrizn@ufmg.br

Luana Rodrigues Nascimento

Graduada em Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mobilizada a pensar a Arqueologia enquanto uns dos espaços dedicados à construção de narrativas a respeito dos vínculos costurados entre materialidades e as gentes, tem se disposto a refletir como o campo pode contribuir com as indagações como tensionamentos nos debates sobre Racismo, além de estar instigada com as discussões sobre diásporas negras a partir de perspectivas arqueológicas.

Contato

rodriguesnc.luan@gmail.com

Rafaela Rodrigues de Paula

Doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Uni-

NOSSOS OLHARES, CORPORALIDADES E PRESENÇA NA ANTROPOLOGIA: ENTREVISTA COM DENISE DA COSTA¹

Denise da Costa Professora Adjunta no Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, lecionando no Bacharelado de Humanidades e no Bacharelado de Antropologia dessa instituição. Leciona no Mestrado de Antropologia UFC/UNILAB, Doutora e mestra em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisa temas relacionados aos estudos africanos desde 2007 a partir de sua inserção no Laboratório de Etnologia e do filme etnográfico. Pautou o tema dos estudos africanos no departamento de Antropologia da UFMG tendo organizado junto à pesquisadora Denise Pimenta o seminário Do lado de lá do Atlântico: o campo da Antropologia em solo africano. Realizou pesquisa de campo e Maputo, capital de Moçambique em 2011, 2014 e 2017. Tem interesse em Antropologia Africana, Raça, Estética, concepções do belo em sociedades africanas e Cinema africano. É integrante da RÍPES. Membro efetivo da Associação Brasileira de Antropologia. Compõe o comitê de Antropologia africana da ABA. Coordenadora do Programa de Pós-graduação Antropologia da UFC-Unilab. Além disso, é escritora. Escreve ensaios, artigos acadêmicos, contos e livros didáticos.

Contato

denisecruz@unilab.edu.br

Steffane Santos: Em seu texto de apresentação à edição Especial Fire!!! Zora Neale Hurston – Textos escolhidos e traduzidos, da Revista Ayê, escrito em co-autoria com a Prof. Vera Rodrigues, você fala um pouco sobre sermos orquídeas negras suspensas à procura de nossas raízes. E neste sentido, se recorda sobre quando cursava disciplinas de Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais e sobre como as páginas que seus olhos percorriam a feriam e ferem. Pensando em inventar mundos, como seria para a trajetória de Denise, estudante de graduação, cursar disciplinas antropológicas em um diálogo estabelecido com Zora Hurston?

Denise da Costa: É difícil depositar toda a responsabilidade das nossas mazelas na universidade. Eu tenho pensado muito nisso. Sou totalmente pró-política de Ações Afirmativas, nossas ações devem estar em direção à cobrança e monitoramento de políticas públicas, mas também na organização de forma autônoma. Considero que há uma falha em pensar a educação como um todo, de uma cobrança da educação pública de qualidade e até mesmo uma autonomia da população negra ao se organizar, independente das políticas públicas de Estado. Dessa forma, eu considero que todas essas frentes devam existir. A infância negra, a primeira infância, os primeiros anos de vida são um momento importante na formação constitutiva de uma pessoa. É a minha infância, meus primeiros anos de vida na escola, foram muito traumáticos. Esse período geralmente costuma ser um cenário perfeito para viver o primeiro episódio de racismo, né? Tem muitas pesquisas que mostram isso: que os primeiros episódios de racismo podem ser vivenciados na escola. Esse é um período que a gente é muito pequeno, muito vulnerável, muito indefeso. E na minha época, com poucas ferramentas para saber lidar com a violência racial. Eu estudei numa escola particular, católica e de maioria branca quando era pequena, e aquilo me formou de tal maneira que eu fiquei muito sensível às questões raciais. Então, tudo é como se abrisse uma grande ferida interna, muito difícil de se cicatrizar. Mas, por que fui na infância? É sempre bom ir na infância... Eu acho que nos estudos de relações raciais, existe uma linha aqui no Brasil, que mostra que a infância

é extremamente importante, e eu não tive uma infância tão protegida assim. Se é que é possível falar em infância negra protegida.

Eu acho que algumas gerações de crianças agora elas estão com outros instrumentos para usarem a seu favor. Eu já tinha alguns, né? Porque a mamãe passou pelo movimento negro, ela me iniciou em algumas questões relacionadas à autoestima. A gente tinha um diálogo aberto sobre a questão racial, desde muito jovem em casa. Mas vejo, por exemplo, uma família que chama *Sanko Family*², que está no Instagram, duas meninas, e elas são extremamente preparadas pelos pais, didaticamente, pedagogicamente, historicamente, culturalmente, para enfrentar as questões raciais, porque elas aprendem sobre a própria história, né? Então elas são um exemplo do que pode ser feito com e para a comunidade negra independentemente de ficarmos esperando o Estado fazer. Essa família é pan-africanista e se organiza para enfrentar episódios de racismo de frente e de forma organizada. Eu acho isso tudo muito potente.

Então, voltando à graduação. Eu era uma criança ferida e conseqüentemente uma jovem ferida. Para eu entrar na universidade foi todo um processo de acreditar que aquele era um espaço que poderia ser meu. Então a mamãe estudou lá, minha mãe estudou na UFMG³, ela estudou na FAFICH⁴, ela fez Letras-Alemão, mas eu não acreditava que eu pudesse estar naquele ambiente, porque simbolicamente aquele não era um espaço construído para pessoas como eu. Mesmo com uma mãe graduada e orgulhosa de sê-lo, o racismo fez o papel dele e me desacreditou de que eu poderia adentrar aquele espaço. O racismo já tinha me expulsado da escola católica, já tinha me expulsado das escolas de qualidade pelas quais minha mãe poderia ter pagado para eu ter uma educação de qualidade. Estar na Universidade era mais uma vez estar entre a maioria branca, e isso me doía muito. Então o que a minha mãe fez, ela me levou na UFMG pra tomar um café pra pensar o espaço pra eu me imaginar ali dentro. Isso é um gesto bem concreto de pensar essa transformação interna. Eu me via naquele lugar, poderia ser daquele lugar. E aí, a partir disso, eu comecei

um trabalho na terapia e finalmente passei no vestibular. Nos primeiros anos eu ficava em silêncio entre minhas amigas, não dizia nada por medo de falar besteira. Nos primeiros anos da graduação eu era muito disciplinada, era meio nerd, sempre fui. Também nos primeiros anos da graduação eu quis aproveitar as festas, as festas. E quando eu lia os textos que me eram dados, (ficava) procurando a África de forma muito inconsciente, muito... Não sei se é inconsciente a palavra, mas muito... Sem muita certeza do que eu estava procurando, aquilo me afetava de um jeito muito pesado. As aulas sobre questão racial eram muito pesadas, não eram dadas de forma, odeio essa palavra, a dar um empoderamento, para as pessoas negras que estavam participando daquele momento e eram feitas por pessoas brancas, né? Então, pra mim, era como se eu ficasse paralisada diante de toda aquela escrita, ficasse bloqueada e tivesse uma relação limitada com aqueles textos. Há também o fato de eu fazer leituras dos autores buscando refletir sobre a questão racial. Quando eu externava esse exercício criativo, eu era duramente reprimida.

Hoje eu vejo, por exemplo, a Unilab⁵ que é uma universidade popular, de composição docente e discente muito negra, (apesar de que tem muitas pessoas brancas tanto como docentes, como discentes) eu não diria que somos a maioria como docentes, mas talvez somos do corpo docente mais negro do Brasil. Eu vejo que os alunos falam abertamente, outra geração também teve outras experiências, acessou a outras coisas. A internet já era uma coisa mais difundida, né? E os alunos falam abertamente sobre suas questões. Questões raciais são ouvidas, escutadas por alguns professores, por outros nem tanto, mas existe a questão racial. Existe racismo mesmo na Unilab, mas o que eu acho importante é estabelecer espaços seguros para que haja diálogo, para que haja escuta e para que a gente se leia. Leia as variadas formas de pensamentos negros, seja o afroessimismo, seja o feminismo negro, seja o pan-africanismo, seja o marxismo negro, para que gente faça escolhas teóricas dentro das possibilidades do amplo, plural e diverso pensamento negro. Eu ainda tenho muito afeto assim pela UFMG, porque foi um momento muito enriquecedor, difícil, mas foi muito enriquecedor. E eu considero que o momento que eu estive no diálogo com o projeto de ações afirmativas da Faculdade de Educação foi um momento muito rico e de muito crescimento também. Embora... assim, cada um tem a juventude que tem, né? E quando a gente é jovem, a gente tem pressa, a gente é impaciente, o pezinho não está exatamente fincado no chão, pelo menos no meu caso, então é isso. Eu acho que eu vivi o que eu tinha que ter vivido pra construir essa Denise que hoje tá aqui né? Pois é, complementando a primeira pergunta sobre criar novos mundos, fabular novos mundos, para mim seria importante que a gente lesse autorias negras na graduação. E que tivéssemos professoras negras em maior quantidade. Eu acho que hoje, no Brasil, a gente está vivendo um momento que as pessoas estão se letrando para além das universidades. Mas, eu acho que é importante pensar numa espécie de revisitação dessa literatura que nos atinge e nos

fere tanto e da construção de narrativas que nos contemplem.

Rafaela Rodrigues de Paula: A escritora, poetisa e ativista feminista estadunidense Alice Walker, nos relata, em artigo publicado originalmente em 1975, um pouco do que foi a grande experiência de “encontro com Zora”, ao estar em Eatonville em buscas de descobertas sobre os últimos anos de vida de Zora. Mesmo Alice Walker já demonstrar o conhecimento da obra de Zora anterior a esta sua viagem em Eatonville, as descrições das conversas com pessoas que cercaram Zora, descrições detalhadas das “grossas e saudáveis, ervas daninhas” do cemitério que Zora estava enterrada até o pé dela afundar em buraco que tinha tudo pra ser a sepultura de Zora. Este parece ter realmente sido o grande encontro dela com Zora. E para senhora, quando foi seu grande encontro e descoberta com Zora Neale Hurston e produção dela?

Denise da Costa: Acho que o encontro a gente nunca sabe exatamente como e quando, quando a gente entrou em contato com aquela literatura e o quê aquela literatura despertou em você, né? Mas, o meu encontro grande com Zora e o meu grande vício, o meu grande arrebatamento se deu com o texto dela. Como eu me sinto como uma pessoa de cor (2021). Esse texto eu leio sempre, eu acho que ele tem tanta coisa pra dizer, mas tanta coisa pra dizer, tanta! Eu tenho me debruçado nele, e tenho lido sobre ele, tenho escrito sobre ele, ainda não publiquei, mas ele tem muita coisa a dizer. E uma delas é essa, (ela) olha o fato da questão racial ser uma questão externa ao sujeito, ou seja, “vocês que estão me chamando negra, vocês que querem que eu seja negra, porque eu sou muito mais que isso”. Eu danço jazz, eu me embriago com a música negra, eu sou uma potência ancestral, divina, e tem um pouco de místico naquele texto, tem um pouco de não sei se a palavra é místico, mas talvez tem um pouco de espiritual naquele texto, espiritual, certamente. Então, assim, essa existência negra no mundo, que é muito maior do que o confinamento que nos colocam de sermos subalternizados, sermos seres que não vamos alcançar certos espaços institucionais, políticos, enfim. E ela fala: “olha, a minha autoestima é inegociável, a minha beleza é inegociável. Eu sei o lugar de onde vim, para onde eu vou”. Isso é muito potente. Eu acho que tem tudo a ver com todo o trabalho de Zora e toda a postura política dela, né? Que é de uma autodeterminação que nada abala, né?

Quer dizer, nada abala o fato de colocá-la como negra, talvez abale um pouco. Mas ela tem um centramento em si, na sua potência, na sua capacidade de estar no mundo, que tem a ver com uma ligação ancestral com a música, com a expressividade artística, com a literatura, com o lugar de onde ela vem. Então esse texto, eu acho ele muito potente. Eu, sempre que posso, leio ele em inglês e em português, a tradução feita pelo FIRE⁶, e é muito, muito impressionante como que esse texto diz tantas coisas, um texto curto. Enfim, um texto muito potente. Meu encontro com Zora se deu e se dá e continua sendo um encontro com esse texto.

versidade Federal de Minas Gerais (PPGAn-UFMG), mestre em Antropologia Social pelo mesmo programa, graduada em Ciências Sociais (Licenciatura) na mesma universidade. Possui interesse nas áreas de Gênero e Raça desenvolvendo pesquisa com esses marcadores nas trajetórias de trabalhadoras domésticas negras.

Contato
depaularafaela@gmail.com

Steffane Pereira Santos
Mestranda em Antropologia Social (PPGAn-UFMG). Bacharela em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do Grupo de Pesquisa Gênero e Sexualidades (GESEX/UFMG). Constrói o Coletivo Retomadas Epistemológicas, coletivo anti epistemicídio que se articula objetivando a retomada de saberes contra hegemônicos. Pesquisadora associada a Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). Possui interesse em estudos de gênero, raça, feminismo negro, hip-hop, interseccionalidade, produção epistêmica e patrimônio cultural.

Contato
steffanepereira@gmail.com

1 A transcrição desta entrevista preserva intencionalmente a oralidade da entrevistada, mantendo assim as divagações, du-

plicações e reticências que são características da fala espontânea. Essa escolha visa refletir com maior fidelidade o ritmo e a estrutura do discurso oral.

2 Perfil da rede social instagram @sankofamily. Disponível em: <<https://www.instagram.com/sankofamily/>>. Acesso em 10 jul. 2024.

3 Universidade Federal de Minas Gerais.

4 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

5 Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

6 Edição especial da Revista Ayê que publicou o texto em 2021. Ver: Disponível em: <<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/669>>. Acesso em 10 jul. 2024.

7 Archibald Monwabisi Mafeje (1937-2007), antropólogo e ativista sul-africano, graduou e fez mestrado “No consagrado departamento que abrigou nomes como Radcliffe-Brown e Max Gluckman, entre outros, Archie Mafeje foi um dos raros estudantes negros a se formar durante o regime do apartheid” (Borges; Costa; Couto; Cirne; Lima; Viana; Paterniani, 2015, p.348). Algumas das produções do Mafeje sobre antropologia e alteridade: MAFEJE, Archie. A commentary on anthropology and Africa. Codesria Bulletin, n. 3-4,

Luana Rodrigues Nascimento: Professora Denise, visto que a senhora é uma intelectual a qual se dedica a pensar contextos africanos a partir dos tensionamentos da Antropologia e tendo no horizonte a historicidade de narrativas acerca das conexões das diásporas para além do continente, quais caminhos acredita que possamos seguir para construirmos discursos acerca das partilhas diaspóricas sem recair num ideário de uma africanidade única e idealizada? Neste sentido, pensa que o trabalho de Zora Neale Hurston com as comunidades negras no sul dos Estados Unidos nos oferece possibilidades de reflexão?

Denise da Costa: É sobre estudos africanos e história única. Estou muito com o Archie Mafeje⁷, que é esse escritor sul-africano que tem um texto onde ele fala sobre alteridade na Antropologia, né? Que o grande problema da Antropologia foi justamente ter criado um grande “fosso” da alteridade. Então, todas as pessoas não brancas, isso acontece muito aqui, no caso indígena também, mas as pessoas, basicamente, a Antropologia... A Teoria Antropológica sobre África criou um grande... uma grande separação entre nós e eles, é assim que Latour⁸ fala, né? Mas, pensando no Archie Mafeje, é uma grande construção de alteridade radical. Na verdade, se a gente parte da ideia de que alteridade é o grande problema da Antropologia, ou seja, criar um outro que é muito diverso de mim, a gente cria um fosso até de uma possibilidade de estabelecer relações que não sejam de Sujeito-Objeto. Então, assim, quando eu escrevo a minha dissertação⁹, eu acho que ainda estava lá uma ideia, né? Escrevo elas, escrevo na terceira pessoa, tem um distanciamento e tal. E quando eu vou fazer o meu doutorado, a Antonádia¹⁰ me chama justamente para isso, ela falou assim: “elas, é tão elas assim? Ou essa questão também te afeta? E te afeta, de que forma? Afeta a elas de que forma? Quais são as diferenças, quais são as aproximações?” Então, assim, se a gente começar a enxergar, na verdade, as pessoas do continente africano, como pessoas, que têm muitas diferenças, óbvio, têm muitas coisas, têm coisas que são intransponíveis. Eu fico muito instigada, por exemplo, em um dia me debruçar acerca dos relacionamentos intercontinentais. Tem uma professora na Unilab, a professora Daniele Ellery¹¹ que ela pesquisa justamente esse caso de amor transatlântico entre pessoas guineenses e mulheres brasileiras, sobretudo homens guineenses e mulheres brasileiras, e você tem um fato de que a poligamia é altamente difundida, senão de forma explícita e legalizada, nos países africanos de um modo geral assim, a partir de várias leituras e várias diferenciações não só étnicas, mas regionais e familiares, né? E isso cria uma série de conflitos quando você pensa em relacionamentos entre pessoas de outros continentes, porque os valores são distintos, a forma de pensar o amor é distinta, a forma de considerar o amor, do que é o amor, o que é o casamento, o que é uma relação, quais são as obrigações, até onde vai. Tudo isso é muito distinto, de fato. E tem até um trabalho de algumas intelectuais e pessoas brasileiras, afro-brasileiras, afro-norte americanas, afro-latino americanas, de resgate dessa “tradição”. Então, por exemplo, existem casos de mulheres brasileiras que estão

casando no regime de poligamia, num gesto de resgatar certas formas de tradição africana.

Mas, por exemplo, quando mulheres feministas negras, que aí o feminismo também parte de um outro pressuposto que é muito diferente, por exemplo, do pan-africanismo, que essa coisa de “existe uma África em nós e nós podemos voltar a resgatar valores que nos foram retirados”. O feminismo já parte de um pressuposto de enegrecer o próprio feminismo, de ver um desenvolvimento democrático, que tem que ter participação das mulheres e, no caso, feminismo negro, das mulheres negras. Então, o ponto de partida do feminismo negro ele é um pouco ancorado numa linha mais ocidentalizada mesmo. Não tem como negar isso, né? E aí, quando uma feminista negra se encontra com uma pessoa pan-africanista, por exemplo, dá uma série de ruídos, porque os pan-africanismo às vezes é favorável à poligamia. A feminista negra já é uma coisa da autonomia da mulher. Enfim, eu acho que tem uma série de coisas que eu fico observando que são muito interessantes. Ao mesmo tempo, o homem africano é totalmente idealizado por muitas mulheres porque seria a expressão de uma raiz masculina, uma pessoa de raiz masculina, o mais “autêntico” homem negro. Enfim, acho que tem várias coisas para pensar, tô pensando alto aqui.

Ou seja, não estou falando que as diferenças culturais, elas não existam. Elas existem, mas o problema é quando você põe um fosso do tipo: é incompatível a possibilidade de diálogo entre esses grupos e aí tem várias coisas. Eu acho que estou falando isso da alteridade, retomando, porque o importante é que a gente se relacione com a África partindo do pressuposto de que aquelas são pessoas como nós. E que há diferença, sim, mas que não há uma diferença intransponível, que há diálogos. Enfim, alteridade é o que colocou a África no lugar, num registro muito distinto. Eu acho que o pan-africanismo resgata isso de uma forma interessante, com as suas limitações, mas traz questões interessantes. De pensar que existem analogias e que existem semelhanças, que existem trocas mútuas e que existem sobretudo heranças, heranças que as populações de diásporas herdaram da África, né? Então é possível pensar que há mais herança do que de fato um desenraizamento.

Assim, sou uma pessoa que “bebe na fonte” do pan-africanismo, “bebe na fonte” do afropessimismo, “bebe na fonte” do feminismo negro, de cada um desses, e faço uma síntese totalmente minha, se é que isso é possível porque são linhas teóricas que são muitas vezes incompatíveis. Então é isso, acho que é importante a gente se relacionar com a África, como pessoas sem expectativa, sem grandes explicações sobre os fenômenos que a gente observa, com escuta, a partir da observação da singularidade, né? A partir de muita leitura, a partir de muita troca, mas, principalmente, a partir de uma relação. Como se faz uma amizade, como se faz um vínculo, como se faz uma relação!

Rafaela Rodrigues de Paula: Professora Denise, com a visibilidade e um esforço cada vez maior de recuperação das produções e contribuições de

intelectuais negros/as antropólogos/as, um trabalho que inclusive parte muitas vezes de outros corpos negros. A título de exemplo, a produção de curso extensão "Vozes negras na Antropologia" que você coordenou, juntamente com professor Messias Basques na edição de 2021, tem aparecido cada vez mais nos debates acadêmicos as falas da existência de uma Antropologia Negra, o que a senhora compreende das possibilidades que podem ser essa Antropologia Negra, e quais as potencialidades dessa adjetivação à Antropologia?

Denise da Costa: Bom, eu vou responder isso obviamente de novo, não sozinha. Mas, a gente pode pensar, por exemplo, o termo que ficou popular tanto na academia quanto fora dela, que foi uma veiculação feita pela Djamilia Ribeiro, do "Lugar de Fala (2019)". Ou seja, nossos conhecimentos possuem uma posicionalidade que está ancorada em nossa experiência. Mas, é bom resgatar um pouco esse conceito e pensar que há várias formulações para dizer coisas análogas, para a mesma ideia, mas que são distintas. Então, na verdade, o que acontece na década de 70, nos Estados Unidos, durante a Guerra do Cântone, as antropólogas negras e não só, mas também indígenas, começam a reivindicar para si o fato de que todo conhecimento produzido é necessariamente, e eu vou usar um conceito que depois vai ser refinado pela Donna Haraway, "situado". Ou seja, você está falando o que você está falando, porque você é uma pessoa branca, não há neutralidade naquilo que se produz, tudo que se produz é localizado a partir da sua própria experiência de vida. Então, assim foram várias feministas negras, vários autores negros, de modo geral nos Estados Unidos, que começam a afirmar que a produção intelectual, ela não é vazia de sentido e nem de localização política, racial, etária, de gênero, etc, etc.

Mais tarde, em 1986, você tem a Donna Haraway, que vai falar do "saber situado". Donna Haraway¹² fala nesse texto que o saber situado necessariamente foi alimentado por intelectuais negros e negros, aliás por não brancos, né? Então, depois você tem uma discussão dos estudos subalternos na Índia, o próprio Grosfoguel, que fala da ergonomia, do conhecimento¹³, que fala sobre o padrão eurocentrado da produção de conhecimentos norte-americana e europeia. E você tem, também, vários autores, apontando essa coisa do eurocentrismo e de que existe um saber localizado, né? Então depende de várias opções que você faz, são intelectuais, teóricas e políticas.

Então, tudo isso para dizer que quando você fala qual é o lugar dessa Antropologia negra, nos Estados Unidos tem o *Black Anthropology*, é uma antropologia adjetivada, porque ela é uma Antropologia que produz a partir de um lugar. E eu acho que esse lugar é um lugar. Eu tenho pensado muito sobre isso. Aliás, eu estou com uma pergunta que ainda não tenho resposta para ela, que é: Tá, quais foram as contribuições da *Black Anthropology* para os Estados Unidos? Para além de uma denúncia, eurocentrismo, para além de uma denúncia ao racismo, para além de uma ideia de que o saber é localizado e além de uma

proposta de um revisionismo. Quais são as contribuições que a gente dá? E eu mesma começo a responder dizendo que a gente traz nossos olhares também. A gente traz perspectivas que estavam invisibilizadas antes, que não eram vistos. A minha própria pesquisa do cabelo, ninguém tava falando de cabelo na academia brasileira sobre Moçambique, não se falava disso. No entanto, eu fui para campo e por causa do meu cabelo, eu fiz relação. Por causa do meu cabelo aconteceram coisas boas e ruins, por causa dos meus cabelos eu conheci pessoas. Aconteceram coisas, produções, relações foram produzidas, uma tese foi desenvolvida. Enfim essa corporalidade, essa presença é incorporada ou encarnada, ela necessariamente vai mudar o tipo de produção antropológica feita.

Um homem branco, em geral, ele circula por todo mundo, com raras exceções. O "passaporte europeu", se você pensa o europeu, homem mais branco que branco, né? Ele circula, ele tem um "passaporte" que circula fácil, fácil assim, com mais facilidade por várias regiões do mundo, e o corpo branco (odeio! eu não gosto muito de usar essa ideia foucaultiana "os corpos, os corpos") mas, enfim, a pessoa branca, ela vai circular, por espaços que as pessoas negras não vão circular com a mesma facilidade. E no caso africano, ainda tem as clivagens quando a gente, por exemplo, é *colored*, quando a gente é mestiça, os lugares que a gente vai ser aceito, lugares que a gente não vai ser. Então, os acessos ao mundo, por exemplo, aqui entre os meus estudantes negros africanos tem uma relação de uma confiança muito maior do que com os professores brancos. Assim, tem uma outra entrada, uma outra circulação, uma outra relação. Há sempre uma desconfiança com as pessoas brancas.

Então é isso, acho que a gente produz uma Antropologia situada, para usar o termo de Donna Haraway, e a gente traz mais elementos para etnografia. A gente traz mais perspectivas. A gente traz mais uma "cerezinha para o bolo". A gente traz outros olhares que são olhares informados pela nossa corporalidade, sobre a nossa presença, sobre nosso sotaque, sobre nosso lugar, também, como brasileiros, no caso de pesquisas na África, mas que também revisita certos preconceitos que foram sendo disseminados pela Antropologia e traz novos olhares.

Beatriz Natiele dos Reis Sabino: Gostaríamos que você falasse sobre as contribuições da Zora no que diz respeito a pensar as conexões possíveis entre a Antropologia e a Literatura. Principalmente, porque a disciplina se relaciona muito com a escrita e com a diversidade dos mundos existentes que se assemelham com a literatura. Essa maior aproximação entre as áreas começa a ser indicada por Geertz, mas é interessante pensar como Zora já se aproximava antes dele. Pensamos que Zora se aproxima da literatura, pois ela parece querer falar de muitas outras coisas que não cabe na caixinha da academia, que não é a mesma que Zora frequentou, mas que ainda tem resquícios de separações modernas das áreas. Com isso, ficamos nos perguntando quais caminhos podemos pensar para fazer esse diálogo

p. 88-94, 2008. *Africanity: a combative ontology*. Codesria Bulletin, n. 3-4, p. 106-110, 2008. *Africanity: commentary by way of conclusion*. Codesria Bulletin, n. 3-4, p. 111-113, 2008. *Anthropology in post-independence Africa: end of an era and the problem of self definition*. Nairobi: Heinrich Böll Foundation; Regional Office East and Horn of Africa, 2001. *Anthropology and independent Africans: suicide or end of an era?* African Sociological Review, v. 2, n. 1, p. 1-43, 1998. *The theory and ethnography of african social formations. The case of the interlacustrine kingdoms*. London: Codesria book Series, 1991. *Religion, class and ideology in South Africa*. In: WHISON, Michael G.; WEST, Martin. *Religion and social change in Southern Africa*, p. 164-184. Cape Town: David Philip, 1975. *The ideology of "Tribalism"*. The Journal of Modern African Studies, v. 9, n. 2, p. 253-261, 1971. *The role of the bard in a contemporary African community*. Journal of African Languages, v. 6, part 3, p.193-223, 1967.

8 Bruno Latour foi um antropólogo e filósofo da ciência francês.

9 CRUZ, Denise Ferreira da Costa. *SEGUINDO AS TRAMAS DA BELEZA EM MAPUTO*. 2012. 192 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

10 Professora

Denise refere-se a Antonádia Monteiro Borges, professora que a orientou durante o percurso do doutorado, que resultou na tese "Que leveza busca Vanda?: ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique". 206 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017..

11 Atua como Professora Adjunta no Bacharelado em Humanidades e no Curso de Licenciatura em Sociologia do Instituto de Humanidades (IH) da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE). É coordenadora do NUDOC - Núcleo de Documentação Cultural Ladeísse Silveira (IH/Unilab), líder do grupo de pesquisa: "SENSORIA - Núcleo de Pesquisa em Imagem, Som e Texto" (CNPq/Unilab) e integrante do grupo de pesquisa "Filosofia, Linguagens Artísticas, Modernas e Contemporâneas" - FLAMCO (CNPq/Unilab).

12 Referência ao texto publicado no Brasil posteriormente: HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas-SP, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 15 jul. 2024.

13 GROSFOGUEL, Ramon.

entre as áreas sem ter o risco de ter nossos trabalhos sendo alvo de críticas por não ser "tão antropológico"?

Denise da Costa: Sobre Antropologia e literatura ou como a Zora pode contribuir nessa escrita. Bem, eu vejo assim, os personagens escritos por Zora na literatura são personagens super complexos e que foram inclusive criticados pelos movimentos do *Harlem Renaissance* nos Estados Unidos, porque eles não eram aqueles estereótipos do que era construído naquele período. Então, ela construiu personagens super complexos, histórias super complexas, que foram lidas como apolíticas ou pouco políticas para o que estava sendo desenvolvido naquele momento. É assim que eu vejo a contribuição de Zora. Ela é uma autora da complexidade. Ela é uma autora das nuances. Ela é uma autora da não obviedade e da profundidade dos personagens. E aí eu acho que tanto a literatura dela quanto a Antropologia que ela fez são narrativas que não confinam os personagens, os interlocutores, em lugares estereotipados, tanto políticos quanto identitários. Bom, essa questão de aproximar a literatura da antropologia, fazer antropologia ou literatura, as fronteiras interdisciplinares, etc, etc. A primeira coisa que eu tenho a dizer é que, assim, os estudos africanos e os estudos afro-brasileiros, a literatura negra de modo geral, seja ela o marxismo negro, o pan-africanismo, o feminismo negro... o afrocentrismo, enfim, as várias vertentes do grande escopo que é o pensamento negro, é necessariamente interdisciplinar. E eu tenho algumas hipóteses para que isso aconteça. Uma delas é que a nossa intelectualidade é interdisciplinar. Então, por exemplo, você tem a Katherine Dunham¹⁴, sendo antropóloga e dançarina. Está pensando em antropologia, mas está dançando. Você tem a Zora, que é escritora e antropóloga e folclorista. A intelectualidade negra necessariamente passa por diálogos entre disciplinas distintas ou entre o uso interdisciplinar. Ela não é uma disciplina encerrada em si.

Eu acho bom lembrar a esse respeito que a antropologia, ela nasce interdisciplinar. Antes dela se fechar como essa disciplina que fala que tem um campo muito estabelecido e que não aceita as contribuições de outras áreas do conhecimento, a antropologia, ela nasce bebendo da fonte de outras disciplinas. Então, por exemplo, para pensar uma autoria negra, Antenor Firmin¹⁵, quando ele está fazendo o trabalho dele da igualdade das raças humanas, ele está em diálogo com a filosofia, ele está em diálogo com o direito, ele está em diálogo com a história. Então, ele não está fazendo uma antropologia "pura". Enfim, se você for pensar, indo para uma autoria branca, Levi-Strauss, as fontes que ele bebe, ele bebe na linguística, na lógica, na matemática, enfim, ele não se encerra completamente. Considero que uma das contribuições da Antropologia Negra é essa de romper novamente essas fronteiras (que quicá nunca foram rompidas realmente) e trazer diálogos possíveis para o interior dessa ciência que se quer "pura". Inclusive, essa ideia de pureza nos lembra um tropos racial já conhecido e do qual temos muitas reservas. Então, a gente tem que pensar que a intelectualidade negra ne-

cessariamente é uma intelectualidade que não se confina numa área de conhecimento. Você tem, por exemplo, contemporaneamente, a professora Maria Elvira¹⁶, que é cantora e antropóloga. Você tem a Jaqueline da Costa¹⁷, que é dançarina e antropóloga.

Eu mesma me coloco como escritora e antropóloga. E tantas outras, tantas outras professoras mais contemporâneas que estão fazendo interseções, estão fazendo diálogos entre elas. Então, tudo isso para dizer que você não tem um pensamento negro, seja qual for, na sua diversidade, encerrado numa disciplina. Agora em Harvard tem o ALARI¹⁸, que é o Centro de Estudos Afro-Latino-Americanos, ele é interdisciplinar. O pensamento negro é interdisciplinar. Se ele está fazendo antropologia, ele vai beber de outras fontes. Então, assim, eu tenho algumas formulações para isso. Primeiro, que a gente não cabe dentro de uma caixinha. Nosso pensamento extrapola disciplinas encerradas em si. Ele dialoga com outras disciplinas, ele é múltiplo, ele é...até vou usar uma palavra...ele é holístico. O pensamento negro é necessariamente holístico e, como vocês disseram na introdução da pergunta, ele não é moderno nesse sentido de separar e apartar as partes que o cabem. Ele é um pensamento muito plural. Outra coisa que acontece muito, pensando nas trajetórias aqui no Brasil da diáspora negra, é que, às vezes, a gente não encontra um lugar confortável para estar. Então, a trajetória de muitos intelectuais negros no Brasil é interdisciplinar. Isso acontece com muitos outros intelectuais negros que começam numa área, geralmente o racismo os expulsa para outro lugar e eles vão tendo que descobrir departamentos onde eles possam dialogar. Então, também tem esse fator de um racismo sistemático no interior das universidades brasileiras. Também esse é um motivo número dois para a interdisciplinaridade e para o perfil interdisciplinar de grande parte dos antropólogos. Mas, não é o único, porque... nos moldar pela experiência do racismo é totalmente limitador. Eu diria que é mais por uma capacidade também nossa de transitarmos pelas várias disciplinas e por termos habilidade para dialogar com várias disciplinas. Não temos que temer que a nossa antropologia seja menor, porque ela vai ser, no sentido de que a Antropologia hegemônica vai nos ver como um campo apartado, como um campo alijado. Eu acho que o afropessimismo nos ajuda a pensar muito bem nesse lugar em que nós estamos confinados e que não tem muito jeito de sairmos. Que é um lugar da subalternidade. Isso não vai mudar. Isso muito dificilmente vai mudar. Você teve aí pela primeira vez uma presidência de Harvard negra e na primeira falha, ela foi deposta do cargo, ela foi condenada, ela sofreu sanções. Então, mesmo com os projetos reformistas por dentro, a gente está causando algumas ranhuras no sistema, mas o sistema, cara, eu não acredito que o sistema vai virar. Não acredito. Eu acho que o nosso lugar de subalternidade está resguardado e muito dificilmente será reformado. Será revisto, será reformulado. A gente tem que entender que quando a gente fala - e aí eu caminho um pouco em diálogo para outra pergunta que vocês falam sobre antropologia adjetivada, antropologia negra -, é sabermos que a nossa antropologia ela vai

ter um lugar minoritário no campo dos estudos antropológicos, sabe? Muito dificilmente ela vai ser vista como uma antropologia que trouxe realmente contribuições. Então, tudo isso para dizer que a gente não precisa ter medo de ser uma antropologia menor, ou de ser uma antropologia negra, ou de sermos uma antropologia interdisciplinar. Eu acho que, como Zora Hurston nos ensina, a autoestima, naquele texto dela, "Como eu me sinto como uma pessoa de cor", a autoestima é fundamental. A gente sabe quem a gente é, a gente sabe de onde a gente veio. Se vocês não querem tratar com a gente, se você não quer sentar ao meu lado, é você que está perdendo, não sou eu, porque eu sei o meu valor. Então, eu gosto sempre de pensar nesse texto da Zora e da autoestima toda que ela tinha sobre os trabalhos dela para pensar isso assim. O nosso lugar de confinamento, de subordinação existe, mas a gente sabe o nosso valor, a gente sabe a riqueza que é o nosso trabalho. E a gente não tem que estar com todo mundo, a gente não tem que estar sendo aceito por todo mundo, sendo bem vistos por todo mundo, sendo valorizados por todo mundo. O importante é que a gente faça o nosso trabalho e o desenvolva da melhor forma.

14 "Katherine Dunham (1909–2006) foi uma antropóloga, coreógrafa, dançarina e ativista social afro-estadunidense. Aluna de Alfred Radcliffe-Brown (1881–1955), Bronisław Malinowski (1884–1942) e Robert Redfield (1897–1958) na Universidade de Chicago, entre os anos 1920 e 1930, investigou as relações entre cultura e dança em sociedades de diáspora africana, em especial a herança de afrodescendentes em manifestações religiosas e populares no Haiti e Jamaica" (Lourenço, 2023). Uma curiosidade sobre Dunham é que em uma turnê que a bailarina realizava no Brasil em 1950, na noite de 11 de julho de 1950, uma terça-feira, como relata o jornalista Ricardo Westin (2020) em sua estreia no Theatro Municipal de São Paulo, Dunham aproveitou o intervalo entre o primeiro e o segundo ato para fazer uma denúncia aos repórteres que cobriam o espetáculo. Revoltada, a artista relatou que, dias antes, o gerente do Esplanada, o luxuoso hotel vizinho do teatro, se recusara a hospedá-la ao descobrir que era uma "mulher de cor". E das muitas reações populares da época destacou-se a do o deputado federal Afonso Arinos (UDN-MG) que apresentou à Câmara dos Deputados um projeto de lei para transformar determinadas atitudes racistas em contravenção penal. Mais informações no link: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-21/brasil-criou-1-lei-antirracismo-apos-hotel-em-sp-negar-hospedagem-a-dancarina-negra-americana.html>. Acesso em: 18 de jul. 2024.

15 Antenor Firmin foi um antropólogo, jornalista e escritor haitiano. Dentre suas obras, obteve maior destaque, o livro *A Igualdade das Raças*, publicado em 1885 de forma a argumentar a insustentabilidade das defesas racistas de Arthur Gobineau em *A Desigualdade das Raças* (1853).

16 Refere-se a professora Maria Elvira Diaz Benitez, antropóloga docente no PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, e faz parte do grupo musical Blue Ananse.

17 Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

18 Afro-Latin American Research Institute. Ver: <<https://alari.fas.harvard.edu/>>. Acesso em 05 de ago. 2024.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, A. et al. Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. *Revista Sociedade e Estado* – v. 30, n. 2, p. 347–369, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/4gWwBJ68LgstGnTFQgWtsvx/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 15 de jul. 2024.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. *Seguindo as tramas da beleza em Maputo*. 2012. 192 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)– Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em:<http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/11460/1/2012_DeniseFerreiraCostaCruz.pdf>. Acesso em 15 jul. 2024.

----- **Que leveza busca Vanda?: ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique.** 2017. 206 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia)–Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/31699>>. Acesso em 15 de jul. 2024.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 25–49, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078>. Acesso em: 18 jul. 2024.

HURSTON, Zora. Como eu me sinto uma pessoa de cor. **Ayé: Revista de Antropologia FIRE!!!** Textos escolhidos de Zora Neale Hurston, 2021. Disponível em: <<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/658/350>>. Acesso em 08 de jul. 2024.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 15 jul. 2024.

LOURENÇO, Vanessa Cândida. "Katherine Dunham". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2023. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/katherine-dunham>. Acesso em: 18 de jul. 2024.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 25–49, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078>. Acesso em: 18 jul. 2024.